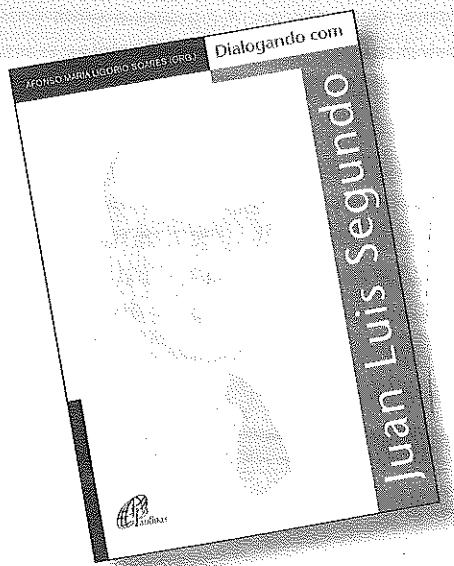


COLEÇÃO "DIALOGANDO COM..."



A coleção *Dialogando com...* tem por escopo abrir um espaço a estudantes e interessados na tradição teológica cristã, a fim de que tenham contato com nomes expressivos da teologia que nutriu o II Concílio Ecumênico do Vaticano ou dele bebeu para o fazer teológico. De modo especial, Paulinas Editora quer destacar a contribuição da teologia latino-americana em pensar uma Igreja mais profética e mais atenta aos sinais e desafios de nosso tempo.

O primeiro volume homenageia o insigne teólogo jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo, um dos fundadores da corrente teológica conhecida como Teologia da Libertação, falecido há dez anos. Os capítulos, escritos a várias mãos, destacam a gênese de sua reflexão, o sistema e a missiologia a ela subjacentes, além de uma chave para a sua teodicéia e escatologia.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

Telemarketing

0800 - 7010081

www.paulinas.org.br

Acesse também "Ciberteologia",
nossa Revista Eletrônica de Teologia & Cultura:
www.ciberteologia.org.br

MARIA CONCEBIDA SEM PECADO ORIGINAL E TODA SANTA: A EXTRAORDINÁRIA SÍNTESE DO VATICANO II SOBRE A IMACULADA CONCEIÇÃO

Prof. Dr. Pe. Pedro K. Iwashita CSSp.

RESUMO

Ainda há poucos anos, ou seja, em 1980, Alois Müller colocava a si mesmo a questão: "O que é que está acontecendo com a mariologia?" Com efeito, constata ele que tempos atrás a mariologia enchia as bibliotecas teológicas e era um dos ramos mais vivos da teologia sistemática. Hoje é o silêncio que reina, dizia ele, e as poucas publicações que têm saído não conduzem muito longe.

Palavras-Chave: Mariologia, Mãe do Senhor.

ABSTRACT

Already, a few years ago, i.e., in 1980, Alois Müller asked himself about this question: "What is happening to Mariology?". In fact, he verifies that sometime ago, Mariology filled the theological libraries and it was one of the most alive branches of the Systematic Theology. Today it is the silence which reigns, he said, and the few publications that are been released do not take us very far.

Key-Words: Mariology, Mother of the Lord.

INTRODUÇÃO

Estamos presenciando atualmente novo reflorescimento do discurso teológico sobre a Mãe do Senhor e de seu culto, em resposta às mudanças dos horizontes culturais, que vieram impor uma reformulação nas formas de compreensão e de apresentação dessa personalidade singular da história salvífica,¹ em plena fidelidade às fontes escriturísticas e à Tradição da Igreja, mas também, e esse é um dado novo, em escuta e respeito à experiência vivida do povo de Deus, para quem a Virgem Maria é presença viva e atuante.²

Ainda há poucos anos, ou seja, em 1980, Alois Müller colocava a si mesmo a questão: "O que é que está acontecendo com a mariologia?"³ Com efeito, constata ele que tempos atrás a mariologia enchia as bibliotecas teológicas e era um dos ramos mais vivos da teologia sistemática. Hoje é o silêncio que reina, dizia ele, e as poucas publicações que têm saído não conduzem muito longe.⁴

Mas após essa fase de crise, anuncia-se, enfim, uma retomada da mariologia com novas bases e nova impostação.⁵ Com efeito, as repetidas críticas dirigidas à mariologia haviam produzido, nos anos 60, uma moratória dos tratados, em que se juntam somente as elaborações de obras aparecidas anteriormente ao Vaticano II.⁶ Contestou-se nos tratados as orientações unilaterais e triunfalísticas da mariologia dos manuais, certo isolamento dentro do conjunto da dogmática, como se fosse uma ciência independente; sistematização rígida demais centrada na divisa: "Ad Jesum per Mariam"; mas a contestação mais decisiva veio da área protestante, que viu na mariologia um desvio fatal do Evangelho original sob a pressão popular e, em consequência, de um sincretismo entre a fé pura e a mitologia.⁷

¹ DE FIORES, 1985, art.: "Mariologia/Marialogia", in: Nuovo Dizionario di Mariologia, 914.

² Cf. DE FIORES, *Maria, presenza viva nel popolo de Dio*; idem, *Marie dans la religion populaire*, Paris.

³ MÜLLER, A., Glaubensrede über die Mutter Jesu. Versuch einer Mariologie in heutiger Perspektive, 9.

⁴ Cf. ibidem, MÜLLER, A., 9. René LAURENTIN diagnosticava, já antes do final do VATICANO II, uma certa crise, cf. LAURENTIN 1963, *La question mariale*, Paris, 1535; cf. tb. MÜLLER, A., "Interrogations et perspectives en Mariologie", in *Questions théologiques aujourd'hui*, t. II, 137-160, Paris.

⁵ Cf. DE FIORES, 1985, in: Nuovo Dizionario di Mariologia, 891.

⁶ Ibidem, 893.

⁷ Ibidem, 892-893.

⁸ Ibidem, 892-893.

Essas contestações vieram acompanhadas de um desejo de retorno às fontes bíblicas e patrísticas, e de abertura maior ao mundo; integração maior da mariologia no conjunto da teologia, de modo que Maria posse ser vista no conjunto da história da salvação, em íntima associação à obra redentora do seu Filho Jesus, sob a divisa: "Ad Mariam per Jesum".⁸

Esse desejo de renovação começa a se tornar realidade pelo impulso dado pelo Vaticano II. Haja vista que, embora a moratória dos tratados de mariologia nos anos 60 tenha continuado no decênio que se seguiu, introduziu-se já corretivo importante, com a inserção do tratado mariológico na cristologia e na eclesiologia.⁹ Preconizou-se assim, "uma 'reentrada' da mariologia na teologia da qual se tinha destacado por exigência de organicidade e o fim de um discurso mariano separado, com as desvantagens do isolamento, perda do sentido da globalidade, polarização sobre Maria e desenvolvimento unidimensional".¹⁰ A mariologia passou a se beneficiar de contribuições de vários setores da teologia, emergindo como tratado sobre Maria, mas numa síntese dos dados adquiridos na reflexão global, sem a pretensão de organicidade autônoma, e renovação estética e experiencial sobre as vias histórico-salvíficas.¹¹

O Concílio Vaticano II não proclamou nenhum dogma mariano novo, porém é importante que o Concílio retomou, endossou e confirmou todas as proclamações dogmáticas referentes a Maria: Maria, Mãe de Deus (Concílio de Éfeso, 431, DZ 111a); Virgindade Perpétua de Maria (Concílio Lateranense, 649, DZ 255s); Imaculada Conceição (Pio IX, 8 de dezembro de 1854, Bula *Ineffabilis*, DZ 1641); Assunção de Maria (Pio XII, Const. Apost. *Munificentissimus*, 1º de novembro de 1950, AAS 42(1950), DZ 2333).

De outro lado, o Concílio Vaticano II contribuiu também imensamente para uma explicitação maior do dogma marial, a sua relação íntima com o mistério salvífico em Cristo, e a sua relação com a Igreja. Além disso a doutrina

⁹ É o que se tentou fazer na coleção "Mysterium Salutis". Cf. MÜLLER, 1969, "Marias Stellung und Mitwirkung im Christuserignis", in *Mysterium Salutis* III/2, 3935-10.

¹⁰ DE FIORES, in Nuovo Dizionario di Mariologia, 893.

¹¹ Ibidem, 893. E nessa linha que saíram, nos últimos anos, as obras de Candido Pozo, *Maria en la obra de la salvación*, Madrid, 1974; de Leonardo BOFF, *O rosto materno de Deus*, Petrópolis, 1979.

¹² Cf. DE FIORES, 1984, 3a ed., *Maria nel mistero di Cristo e della Chiesa*, Roma.

¹³ Cf. POZO, C. *Maria en la obra de la salvación*, 51-56.

¹⁴ Ibidem, 23-31.

¹⁵ Cf. POZO, C. *Maria en la obra de la salvación*, 56.

mariológica do Vaticano II, cristalizada no capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen Gentium*,¹² não foi somente um texto de compromisso entre a tendência cristológica e eclesiológica na mariologia,¹³ tendência essa já existente entre os teólogos da década dos anos 60, e que teve seus ecos entre os Padres conciliares;¹⁴ longe de ser mero compromisso entre as tendências, foi, sim, no dizer de Cândido Pozo, uma espécie de denominador comum,¹⁵ o essencial de doutrina mariológica. Foi de vital importância que esse denominador comum tenha sido determinado, pois isso veio permitir a Paulo VI proclamar solenemente, no encerramento dos trabalhos da terceira etapa conciliar a 21 novembro de 1964, Maria Santíssima, MÃE DA IGREJA.¹⁶ Cândido Pozo pensa que o discurso de Paulo VI e a respectiva proclamação de Maria Mãe da Igreja, significou um estancamento das duas tendências, a cristológica e a eclesiológica,¹⁷ possibilitando à mariologia novo encaminhamento, pois a proclamação fôra realizada certamente por motivos doutrinários,¹⁸ e não teria sido simples “ato de piedade meridional sem grande alcance teológico ou doutrinário”, termos em que E. Schillebeeckx julgou a proclamação pontifical.¹⁹

Com efeito, Paulo VI recolhe, na sua proclamação, dois grandes temas patrísticos, a saber, o paralelismo Maria e Igreja, mas também o da transcendência de Maria com respeito à Igreja, uma vez que o título “Mãe da Igreja”, enquanto afirmação de transcendência de Maria com respeito à Igreja, já aparece no século II,²⁰ fatos esses que vêm significar que o mistério de Maria é *mistério complexo*, não abarcado suficientemente pelas polarizações cristológicas ou eclesiológicas, assinalando-nos assim o caminho futuro da

mariologia.²¹ Mas como a necessidade de compreensão e de aprofundamento do culto marial para a Igreja pós-conciliar se fazia sentir, as orientações doutrinárias e práticas de Paulo VI a respeito do culto devido a Maria Santíssima Mãe da Igreja não se fizeram esperar, pois a 2 de fevereiro de 1974, na Festa da Apresentação do Senhor, ele publica a Exortação apostólica *Marialis Cultus*, que pela qualidade do tratamento, riqueza teológica e pastoral, constitui o documento mariano mais importante em seguida ao capítulo VIII da *Lumen Gentium*²², que foi seguida depois, em 1987, com a publicação da belíssima encíclica de João Paulo II, *Redemptoris Mater*.

Em relação ao dogma da Imaculada Conceição, o Concílio Vaticano II, permanece fiel aos termos da proclamação oficial na bula *Ineffabilis* de Pio IX, declarando explicitamente que a Virgem foi preservada e foi imune de toda mancha da culpa original.²³ Porém na fundamentação, além de apresentar os fundamentos apresentados por Pio IX, o documento conciliar explicita os fundamentos do dogma, deixando mais claro ainda que a imaculada concepção tem a ver com a íntima associação de Maria com o Redentor, o seu Filho Jesus Cristo, associação na obra salvífica, associação na sua maternidade divina, e para tudo isso foi moldada pelo Espírito Santo. Nesse sentido é fundamental o n.º 56 da *Lumen Gentium*:

“Quis, porém, o Pai das misericórdias que a encarnação fosse precedida pela aceitação daquela que era predestinada a ser Mãe de seu Filho, para que assim como a mulher contribuiu para a morte, a mulher também contribuisse para a vida. O que de modo excelentíssimo vale da Mãe de Jesus, a qual deu ao mundo a própria Vida que tudo renova e foi por Deus enriquecida com dons dignos para tamanha função. Daí não admira que nos Santos Padres prevalecesse o costume de chamar a Mãe de Deus toda santa, imune de toda mancha de pecado, como plasmada pelo Espírito Santo e formada nova criatura. Dotada desde o primeiro instante de sua concepção dos esplendores de uma santidade inteiramente singular, a Virgem de Nazaré é por ordem de Deus saudada pelo Anjo anunciador como “cheia de graça” (Lc 1,28). E ela mesma responde ao mensageiro celeste: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Assim Maria, filha de Adão, consentindo na

¹⁶ Cf. tb. Documentation Catholique, 6/12/1964,1544: “É então para a sua glória e para o nosso consolo que nós proclamamos a Santíssima Virgem Maria MÃE DA IGREJA.

¹⁷ Cf. POZO, C., *María en la obra de la salvación*, 59.

¹⁸ Ibidem, 59: «O papa procedeu à proclamação por razões doutrinárias». Cf. tb. René LAURENTIN, in EtMar22, 1965, p.21: «Paulo VI fez este ato por razões doutrinárias que dependem de seu magistério».

¹⁹ SCHILLEBEECKX, E., *L'Église du Christ et l'homme d'aujourd'hui selon Vatican II*, 164s., Paris, 1965, cit. por POZO, C., op. cit., 59.

²⁰ Cf. POZO, C., op. cit., 62-63.

²¹ Ibidem, 63-64. Convém deixar claro que o Concílio em si permaneceu neutro em relação às duas tendências da mariologia católica contemporânea, como se pode entender no n. 54 de “Lumen Gentium”. “O Concílio não tem em mente propor a doutrina completa sobre Maria, nem quer dirimir as questões ainda não trazidas à plena luz pelo trabalho dos teólogos. Mantêm-se, por isso, em seu direito as opiniões que nas escolas católicas se propõem livremente acerca daquela que, na santa Igreja, ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós”. Cf. POZO, C., op. cit. 105-108.

²² Cf. DE FIORES, S., *Maria, presenza viva nel popolo di Dio*, 101.

²³ Cf. *Lumen Gentium*, 59.

palavra divina, se fez Mãe de Jesus. E abraçando a vontade salvífica de Deus com coração pleno, não retida por nenhum pecado, consagrou-se totalmente como serva do Senhor à pessoa e obra de seu Filho, servindo sob Ele e com Ele, por graça de Deus onipotente, ao mistério da redenção.”

A síntese doutrinal do cap. VIII da *Lumen Gentium* no que se refere à associação de Maria ao Cristo, retoma a reflexão patrística sobre o paralelo Maria e Eva, em que Maria é agora a Nova Eva associado ao Novo Adão na luta contra o pecado. Assim como o Novo Adão, em nenhum momento Maria foi conivente com o pecado e a injustiça, portanto, a Imaculada Conceição. O paralelismo Maria/Eva constitui, na realidade, importante teologúmeno, cuja primeira apresentação nos é dada pelo apologista Justino (165 d.C.), tendo assim inaugurado, ocasionalmente, a temática que, mais tarde, através de santo Irineu (202 d.C.) recebeu um estatuto teológico.²⁴

A importância desse tema é dupla, a saber: primeiramente como uma etapa do desenvolvimento da doutrina marial, e em seguida, o que é mais importante ainda, a integração de Maria na história da salvação.²⁵

No seu diálogo com o judeu Trifão, Justino aplica o Sl 21 a Cristo, afirmando que ele é Filho de Deus antes de toda a Criação, e que “se é por intermédio de uma virgem que ele se fez homem, foi no desejo de que, pela mesma via em que a desobediência, oriunda da serpente, teve o seu princípio, encontre igualmente a solução. Com efeito, Eva, sendo virgem e incorrupta, deu luz à desobediência e à morte pela palavra saída da boca da serpente. Maria, a Virgem, ao contrário, concebeu fé e alegria, no momento em que o anjo Gabriel lhe deu a boa notícia de que o Espírito do Senhor viria sobre ela e o poder do Altíssimo a cobriria com sua sombra, de modo que o Santo, que seria dado à luz por ela, seria Filho de Deus, respondeu: ‘faça-se em mim segundo tua palavra’. E dela nasceu àquele sobre quem, como temos demonstrado, tantas passagens das Escrituras falam, através do qual Deus destrói a serpente, os anjos e os homens que se assemelham a ela; libertando, porém, da morte os que se convertem das más obras e nele crêem”.²⁶

²⁴ Cf. MÜLLER, A., *Ecclesia – Maria. Die Einheit Marias und der Kirche*, 48; LAURENTIN, 1967 5ª ed., a, 42.

²⁵ Cf. LAURENTIN, R., *Court traité sur la Vierge Marie*, 43.

²⁶ Dial. C. Tryph. 100; (PG 6, 712).

²⁷ Cf. MÜLLER, A., *Ecclesia – Maria. Die Einheit Marias und der Kirche*, 49.

Segundo o contexto destas palavras de Justino, não se trata primeiramente de explicação da relação entre Maria e Eva, e sim da aplicação do Sl 21 a Cristo.²⁷ Mas na vitalidade do seu pensamento, as idéias lhe vêm uma atrás das outras, sem ordem rígida, e nessa cascata de idéias um ensinamento sobre Maria toma forma, o que, pelo visto, lhe é familiar. Nesse ensinamento é desenvolvida a idéia da *recirculação*, a saber, do fato de que pelo mesmo caminho que a desobediência começou, foi ela novamente desfeita, remetendo-nos assim a Rm 5,19, embora se trate ali do paralelo Adão/Cristo. Aqui, embora o paralelismo entre Maria e Eva não seja muito feliz, o seu pensamento é claro: a virgem Eva e a Virgem Maria se encontram uma diante da outra. Enquanto uma produz a desobediência pela palavra do anjo mau, a outra, pela palavra do anjo bom produz a obediência na fé e na alegria; Eva acolhe então a palavra do diabo, e Maria concebe o Logos de Deus.²⁸

A esse tema esboçado por Justino, santo Irineu de Lion procurou dar relevo impressionante, pois para ele o paralelo Maria/Eva é peça integrante de sua teologia da salvação, na base da qual se encontra a idéia de que o plano salvífico de Deus não é um remendo da primeira obra, mas uma retomada pelo princípio, uma regeneração pela cabeça, enfim, a *recapitulação* em Cristo. Aparece também a mesma idéia da recirculação (*recirculatio*): o Cristo retoma Adão, a cruz, a árvore da queda, e nesse conjunto, Maria que retoma Eva, ocupa lugar de primeiro plano.²⁹ O princípio fundamental é o desenvolvimento, dirigido por Deus, de toda a história do mundo para a unificação da criação com o Criador, de acordo como se consumou em Cristo.³⁰ o novo Adão, o perfeito, a cabeça da humanidade, por ele e nele regenerada. Por sua encarnação, o Cristo recapitula em si a longa série de homens que estavam à procura da salvação, restaurando neles a *imagem* e a semelhança com o Pai.³¹ Nesta monumental epopéia da salvação, da restauração, da recapitulação, operada

²⁸ *Ibidem.*, 49-50. Essa confrontação Eva-Maria é vista como uma simples extensão da antítese Adão-Cristo. A questão que se propõe é a de saber se JUSTINO faz intencionalmente referência ao Protoevangelho e se é dali que ele tira o paralelo Eva/Maria. Uma coisa, no entanto, parece certa, a saber, JUSTINO vê no Filho da Virgem Maria, que destrói o demônio e seu sangue, a realização do Protoevangelho. *Ibidem.*, 50-51.

²⁹ Cf. LAURENTIN, R., op. cit., 43; DE FIORES, in: *Nuovo Dizionario de Mariologia*, 1387.

³⁰ Cf. MÜLLER, A. op. cit., Adv. haer. 4, 20; (PG 7, 1034B).

³¹ Cf. DE FIORES, S., op. cit., 1387.

³² Cf. PG 7,1179 AB: “Pois o inimigo não teria sido vencido de uma maneira justa (adequada), se não viesse da mulher aquele que venceu, pois por uma mulher o homem foi vencido, no início, fazendo-se a si mesmo inimigo para o homem”.

pelo Filho de Deus, Irineu apresenta o paralelo entre as duas virgens, Eva e Maria.

Ao dizer que “o inimigo não teria sido vencido convenientemente se seu vencedor não fosse homem nascido de mulher, uma vez que no começo foi através da mulher que ele ganhou domínio sobre o homem, tornando-se seu inimigo”,³² Irineu apresenta um pensamento que já se esboçava em Justino, a saber, “per feminam mors, per feminam vita”, através da mulher veio a morte, através da mulher veio a vida. Nesse sentido Maria é vista como a recapitulação da “mulher” Eva, assim como Cristo é a da humanidade ou de Adão,³³ o que é dito de maneira mais expressiva ainda no seguinte texto: “E como aquela... desobediente se tornou causa de morte para si e para o gênero humano, assim Maria, obediente, se tornou para si e para todo o gênero humano a causa da salvação... Assim as amarras da Eva desobediente foram desatadas através da obediência de Maria, pois o que a Eva virgem ligou pela incredulidade, a Virgem Maria desligou pela fé”.³⁴

Irineu apresenta o paralelo entre Maria e Eva nos seguintes elementos:

1. Eva abriu à Serpente o caminho em direção da humanidade trazendo assim a morte—Maria deu à luz Cristo, que esmagou a cabeça da serpente, e trouxe assim a vida.

2. A atitude interior de Eva foi a incredulidade contra Deus, donde a sua desobediência—a atitude interior de Maria foi de fé, donde a sua obediência.

3. No momento da queda, Eva tinha marido, mas era virgem—Maria tinha igualmente marido e foi sempre virgem.³⁵

A idéia que atravessa todos esses argumentos é a da recapitulação: assim como a condenação, também a salvação da humanidade veio pelo mesmo caminho, mas desta vez pela obediência da mulher que deu à luz o Salvador. Eva é ainda mãe da vida (Gn 3,20), e mãe da morte (PG 7, 1179AB). O paralelo Maria/Eva compensa assim o aspecto luminoso de Maria, e possibilita a polaridade do arquétipo nela.

³² Cf. PG 7, 964B.

³⁴ Cf. PG 7, 959-960.

³⁵ Cf. MÜLLER, A., op. cit., 62.

O que a reflexão de santo Irineu revela é que Maria, recapitulando Eva, a elevou, a redimiu da maldição primordial. A idéia de redenção é usada aqui com precauções, mas é, no entanto, significativa do ponto de vista psicológico, pois, em Maria, Eva não foi recalçada, e sim elevada e conduzida à mutação, ao positivo. No círculo interior do arquétipo, é fundamental que o aspecto negativo se transforme em positivo, ou que contribua para a mutação positiva do feminino. Esse aspecto de intercessão, de mediação de Maria em relação a Eva, a “mãe de todos os viventes”, santo Irineu o exprimiu pelo termo “advogada”, “defensora” (Advocata).³⁶ O título evoca, evidentemente, no contexto do texto, um tema distinto, a saber, o de Maria que obedece, em contraposição a Eva que desobedece. Não se trata de intercessão no sentido próprio da palavra, ou que Maria tenha feito valer alguns méritos a favor de Eva. Maria, fazendo o contrário do que fez Eva, destruiu deste modo a sua obra, e conseguiu retificar as funestas conseqüências da desobediência de Eva. A alusão é simplesmente à cena da Anunciação, onde o “sim” de Maria possibilitou a vinda do Cristo e, com ele, da salvação. A obediência de Maria pelo seu “sim” destruiu a ação perniciosa de Eva.³⁷ Embora a redenção seja obra única de Cristo, contudo no conjunto do mistério salvífico cada elemento que constitui o todo tem o seu significado soteriológico, emanado, é claro, da única redenção operada por Cristo. Maria tem pois, nesse sentido, um significado soteriológico em relação a Eva, que era esboço antropológico da mulher. Maria é a restauração e aperfeiçoamento desse projeto que havia falido.³⁸

O paralelismo Eva-Maria, em Justino e Irineu, representa, em certo sentido, um prelúdio da denominação de Maria como a “Nova Eva”, título esse que, na verdade, foi o fundo implícito, não formulado da antítese Eva-Maria.³⁹ Com efeito, na continuação da evolução teológica, “lenta e progressivamente, se

³⁶ Cf. PG 7,1175B: “E ainda que aquela desobedeceu a Deus, esta achou por bem obedecer a Deus, para que a virgem Maria fosse a advogada da virgem Eva”.

³⁷ Cf. POZO, C., *María en la obra de la salvación*; cf. tb. ALDAMA, J. A., *María em la Patrística de los siglos I y II, s 287ss.*

³⁸ Cf. LAURENTIN, R., in *Nuovo Dizionario de Mariologia*, 1020.

³⁹ Cf. POZO, C., op. cit. 32-33. Interessante é constatar que originalmente a denominação «Nova Eva» não foi criada para Maria, e sim para a mulher de Jó, que o instigou para o pecado. Cf. LAURENTIN, R., in *Nuovo Dizionario de Mariologia*, 1020; S. AGOSTINHO, *De urbis excidio* 3; PI 40, 719.

⁴⁰ LAURENTIN, R., *Court traité sur la Vierge Marie*, 44.

reconhecerão, em Maria, todos os aspectos do papel de Eva. Desde 377, Epifânio vê nela a 'Mãe dos viventes', segundo a fórmula de Gn 3,20. E é somente durante a segunda metade do séc. XIII que será posto à luz o último traço do paralelo, a saber, Maria, 'auxiliar semelhante' do novo Adão, segundo a fórmula de Gn 2,18".⁴⁰

Para participar em uma obra de tal envergadura, uma condição fundamental é a santidade, santidade que é em Maria um estado desde a sua concepção: "a Virgem foi preservada e foi imune de toda mancha da culpa original" proclama o dogma. O extraordinário na apresentação da imaculada conceição pelo Vaticano II é que o Concílio não se restringe somente à noção de *isenção do pecado*, mas recupera e assimila uma noção que era cara aos Santos Padres, ou seja, a noção de santidade de Maria ao dizer no nº 56 que a Mãe de Deus é **toda santa**. A expressão "toda santa" corresponde ao termo grego "panagia" ou ao termo latino *santissimus*, ou seja, Maria é toda santa, santíssima, e é isso que o dogma da Imaculada Conceição no fundo quer afirmar, a saber, que Maria é toda santa desde o início de sua concepção, donde a noção de isenção do pecado original. Ao integrar a expressão "toda santa" na explicitação do dogma da Imaculada Conceição, o Concílio demonstra também a sua sensibilidade ecumênica, pois na igreja oriental em vez do conceito de isenção do pecado, usa-se o conceito de "panagia", ou seja, Maria é toda santa. Com isso em relação ao dogma da Imaculada Conceição, o Concílio Vaticano II realizou uma síntese extraordinária, integrando a riqueza doutrinal de dois milênios e que vem fazer jus mesmo àqueles que no passado⁴¹, antes da proclamação oficial do dogma, tiveram dificuldades de aceitarem a noção de isenção de pecado, como, Boaventura, Alberto Magno e Tomás de Aquino⁴² entre outros, mas que no entanto sempre reconheceram a suma

santidade de Maria⁴³.

Prof. Dr. Pe. Pedro K. Iwashita CSSp.

Professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DE FIORES, S. (Org.). *Nuovo Dizionario di Mariologia*. Torino: Ed. Paoline, 1985. (Trad. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995).
- GONZÁLEZ, C. I. *Maria Evangelizada e Evangelizadora*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MÜLLER, A.. *Glaubensrede über die Mutter Jesu. Versuch einer Mariologie in heutiger Perspektive*. Mainz: Mathias-Grünwald-Verlag, 1980.
- MÜLLER, A.. *Ecclesia – Maria. Die Einheit Marias und der Kirche*. Freiburg/Schweiz: Universitätsverlag, 1967.
- POZO, C. *Maria en la obra de la salvación*. Madrid: B.A.C., 1974

⁴¹ Cf. OTT, L. *Manual de Teología Dogmática*. Barcelona: Herder, 1997, p. 317.

⁴² S. Th. III. Q. 27, a. 2, sol. 2: «dicendum quod, si nunquam anima Beatae Virginis fuisset contagis originalis peccati inquinata, hoc derogaret dignitati Christi secundum quam est universalis omnium Salvator» (deve-se dizer que se a alma da Bem-aventurada Virgem não tivesse sido nunca manchada pela transmissão do pecado original, seria uma diminuição da dignidade de Cristo, que é o Salvador universal de todos). Cf. OTT, L. *Manual de Teología Dogmática*. Barcelona: Herder, 1997, p. 317s.

⁴³ S. Th. III. Q. 27, a. 2, sol. 2: "Et ideo sub Christo, qui salvari non indiguit, tanquam universalis Salvator, maxima fuit Beatae Virginis puritas" (Por isso, a pureza da Bem-aventurada Virgem foi a maior de todas, abaixo de Cristo, que não tinha necessidade de ser salvo por ser o salvador universal).